

Dossiê Patafísica: Mediação-Arte-Educação em Gestos por um Fio

**Carolina Corrêa
Rochefort**

Professora Adjunta do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/UFPeL. Mestre em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Coordenadora do Projeto Unificado Patafísica: mediação-arte-educação e do Projeto de ensino Zigoto: Seminário de experimentações poéticoeducativas. carolrochefort.ufpel@gmail.com

Carolina Mesquita Clasen
Mestre em Arquitetura e Urbanismo e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas/UFPeL. Vinculada ao Programa USP Cidades e ao GT Infância e Cidades do IAB-SP. carolina.mescla@gmail.com

Luana Reis Silvino
Graduada em Artes Visuais - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas/UFPeL. Desde 2016 atua como mediadora junto ao grupo Patafísica. luarsilvino@gmail.com

Pataphysical Dossier: Mediation-Art-Education in Gestures by a Thread

Resumo: Este trabalho trata do dossiê que discute o grupo Patafísica: mediação-arte-educação a partir da participação no VIII Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais-SPMAV do Centro de Artes da UFPeL. O texto elabora uma escrita em três vozes que ecoam tantas outras envolvidas nas experiências das práticas artísticas-poéticas do grupo; o tecido textual é tramado, também, por imagens de maneira a pontuar as metodologias, as operações e registros das ações e produção poética do Patafísica.

Palavras-chave: Arte; mediação; educação; Patafísica.

Abstract: *This paper deals with the dossier which discusses the group Pataphysics project: mediation-art-education and its participation in the VIII Research Seminar of the Masters in Visual Arts-SPMAV held at the Centro de Artes of the Federal University of Pelotas/UFPeL in Pelotas, RS, Brazil. This text has been written in three voices which echo so many others involved in the experiences of the group's artistic-poetic practices; the textual contexture is also framed by images in order to punctuate the methodologies, operations and records of Pataphysical actions and poetic production.*

Keywords: Art; mediation; education; Pataphysics.

O Projeto Patafísica se trata de um grupo, formado por alunos do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/UFPeL e egressos da UFPeL, que atua em parceria com professores da rede escolar do município e região, e propõe a mediação artística, ação de mediar pela arte, previamente estudada e elaborada para estimular a reflexão durante a experiência artística. Este trabalho trata de um Dossiê sobre o grupo *Patafísica: mediação-arte-educação*, discorrendo sobre a proposição artística que o grupo ofereceu no VIII Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais-SPMAV do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/UFPeL.

Tomada a experiência da proposição artística *Gesto por um fio* como ponto de partida, é pertinente anunciar aos leitores que, neste texto, a escrita ecoa vozes que aqui escrevem e também outras vozes que vibram pela intensidade da própria experiência e, igualmente, pela atualização desta experiência no processo de escrita deste texto.

Em outubro do ano de 2019, o *Patafísica: mediação-arte-educação* compôs a grade da programação das atividades, falas e ações artísticas do VIII SPMAV, que abordou a “Arte Contemporânea: entre as linguagens de afeto e sensibilidades no cotidiano”.

A temática do evento, cara ao Patafísica, nos moveu a trabalhar uma proposição artística na qual os gestos cotidianos pudessem ser explorados. Quais são os gestos cotidianos? Quantos são imperceptíveis? Quais marcam? Como os gestos podem afetar? Podemos comunicar através dos gestos? O que um gesto pode dizer? Podemos gerar diferença nos gestos corriqueiros, esses que se repetem? Quando um gesto é novo? Repetimos os gestos?

Perguntas como essas atravessaram o encontro patafísico das segundas-feiras à tarde e, com isso, nos propomos a *fazeção*¹

[1] *Fazeção* é uma espécie de metodologia Patafísica que sugere uma proposição artística que será abordada ao longo do texto.

Gesto por um fio. O grupo tem como procedimento metodológico a experimentação da proposição artística, a *fazeção*, inventada antes de propô-la para um público, no caso, os participantes do VIII SPMVAV. Naquela segunda-feira, nós experimentamos diferentes gestualidades para o acontecimento do *Gesto por um fio* no saguão do Centro de Artes/CA da UFPel (Figura 1), provocando, assim, as pessoas que passavam por ali e que também experimentaram conosco.

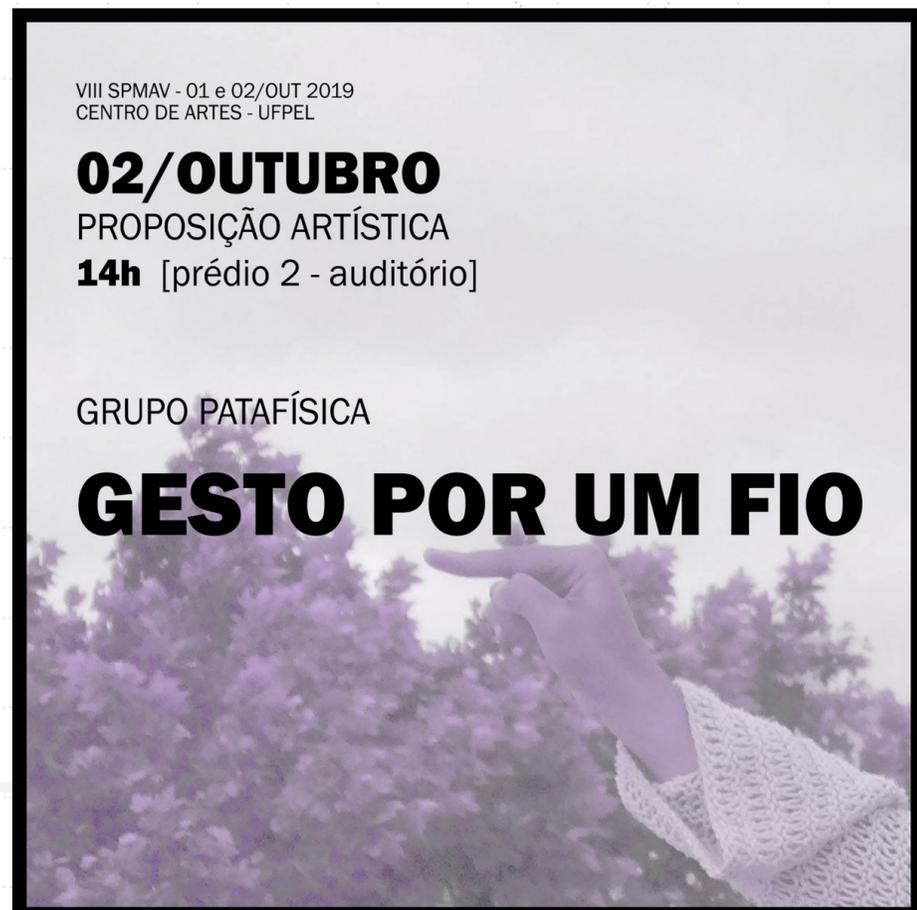


Figura 1. Proposição artística *Gesto por um fio*. Fonte: Imagem de divulgação da programação do VIII SPMVAV/UFPel.

Dispostos em fila, um atrás do outro, alinhados ao fluxo do movimento habitual do saguão do CA/UFPel, passamos um gesto para a pessoa da frente, que, após interpretar o gesto visto, tornava a passá-lo à frente, até acabar a fila. Como uma narrativa que se transforma conforme vai sendo contada, os gestos se transformavam à medida que eram realizados por cada um dos participantes. Após essa experiência, escrevemos um texto – usando o método dadaísta do “cadáver esquisito” –, o qual foi o enunciado para a referida proposição no evento.

Naquela úmida quarta-feira de primavera, abrimos as atividades do VIII SPMVAV com poucas palavras que buscaram apresentar o grupo Patafísica. E, em seguida, convidamos os participantes daquela tarde de palestras a participar da proposição “Gesto por um fio”, lendo o texto-enunciado, que havia sido escrito coletivamente:

Ei, me dê um gesto!
O gesto, assim como o som, vai se perdendo no tempo do outro.
Outro corpo mexendo, contorcendo e uuhhh, uuhhh ... como uma minhoca.
Caraminholas na cabeça, ideias em nós, sentimentos a sós.
Minhoca? Caraminhoca é melhor!
Na verdade eu não consigo ficar em silêncio, é inquietante por querer descobrir como seria o gesto inicial.
Mas os gestos se perdem ao longo do tempo: repetem os caminhos em dias de sol e nos dias de chuva os passos seguem o rumo das águas-vivas, dançando pela corrente marítima.
O gesto, então, escorre por um fio de água entre os dedos.
O que fica, o que apreendo de um gesto respinga no gesto que volta e rebenta em outro corpo.
Não sei onde o silêncio vai parar.

Em seguida, quase todos presentes levantaram das cadeiras e formaram uma fila que transbordava a porta do Auditório 2 do Centro de Artes, mas que era alinhada pelo espaço entre os dois

grupos de cadeiras que dividem o auditório em dois lados (Figuras 2 e 3). O gesto inicial foi dado por alguém que transbordou o espaço do auditório, passando de um corpo para outro corpo, como por um fio, até chegar na pessoa que estava no palco.



Figura 2. Registro da proposição artística *Gesto por um fio* no VIII SPMVAV do Centro de Artes da UFPel em 2019. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica. Foto: Gabriela Costa.

A cada gesto feito, um corpo torcido. Uma gargalhada, um sorriso, uma língua pra fora, uma outra mordida, uma piscada de olho, um arrepiado etc. Desacomodamos corpos e talvez muitos nem tenham percebido que cada gesto reproduzido, a partir do gesto visto, era singularizado na experiência, no corpo de cada um. Talvez alguns tenham sentido ansiedade que a espera pelo gesto gerou no corpo: pés inquietos, corpos falantes, mãos que seguravam braços ansiosos. Talvez outros tenham ativado a glândula pineal no balanço do corpo, na busca pelo gesto do outro que agora toma para si.



Figura 3. Registro da proposição artística *Gesto por um fio*, 2019. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica. Foto: Gabriela Costa



Figura 4. Registro da reunião do *Grupo Patafísica: mediadores do Imaginário*, no quintal da casa que funcionava a galeria Casa Paralela, na cidade de Pelotas, em 2012. Nesse período, o grupo atuava também na galeria em questão onde realizavam-se as reuniões. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica. Foto de Gustavo Reginato.

Propomos experimentar o corpo, gestualidades criadoras de corporalidades, pelo *Gesto por um fio*, uma prática poética, uma ação sensível e artística. Um pequeno exercício de liberdade e de expressão que provocou a invenção de existências.

Ao começar a escrita pelo meio, pela experiência no VIII SPMVAV, parece que tendemos para um desvio – coisa corriqueira nas ações patafísicas. Chegando a essa altura do texto, que até aqui apresentou-se como uma espécie de narrativa dessa experiência, esperamos que o(a) leitor(a), já tenha se aproximado de alguma



Figura 5. Registro da reunião do Grupo Patafísica: mediação-arte-educação, na sala do grupo no prédio do Centro de Artes/UFPel em 2018. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica.

maneira, em alguma medida do que pode ser o Patafísica e, assim, já tenha suspeitas de como pensamos e produzimos arte.

Há quase dez anos, desde 2011, os patafísicos têm encontro semanal (Figuras 4 e 5). Um grupo que surgiu para atender a necessidade de receber os grupos escolares visitantes das exposições da galeria A Sala do Centro de Artes da UFPel. Hoje parece transbordar a palavra mediação². Para alguns de nós, o Patafísica é um grupo de encontros, e a mediação é só um dos encontros que o grupo movimenta.

Uma das perguntas que move o grupo é: o que pode ser mediação? Descobrir-se mediador ou mediadora requer tempo, atenção, disponibilidade de ser também mediado(a). Costumamos

[2] A mediação na arte é frequentemente compreendida como ações de monitoramento e visita guiada, comuns aos museus e das quais nos distanciamos e reconhecemos que, às vezes, extrapolamos, mesmo, as práticas mediativas.



Figura 6. Patafísica: mediadores do imaginário, Mediação da exposição *Coração Gordo: a multiplicidade experimental de Fabiano Gummo*, — Galeria A Sala/CA/UFPel. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica, 2012.

mediar em grupo e entendemos que essa atitude é engrandecedora, pois ensina um tanto de si através do outro. O encontro com o público numa mediação é sempre imprevisível; cada um vai percebendo seus próprios gestos, o próprio jeito de mediar, de se apresentar, de acolher, de propor, de ouvir, de despir-se e de despedir-se num compasso com os modos de mediar dos outros mediadores do grupo. Um estado de contágio que, de tanto conviver em grupo, assimila no corpo gestos de outras pessoas, palavras, trejeitos. Os patafísicos atravessam-se, demoram-se, confundem-se. Por isso começar essa escrita pelo *Gesto por um fio*, para dizer do Patafísica de modo coletivo, que alguns gestos são de outros e também meus, nossos.

Nosso próprio nome, Patafísica, surgiu por perceber, nessa



Figura 7. Registro da *fazeção*: *Desenho preso* em um curso de mediação ministrado pelo Patafísica e promovido pela Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS, 2019. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica.

ciência inventada pelo dramaturgo Alfred Jarry, a possibilidade de trabalhar a mediação por um epifenômeno, um acidente, uma ciência do particular. Entender que a potência da arte encontra-se na singularidade da experiência em arte, bem como na potência artística de qualquer existência. O Patafísica não chega a encerrar a mediação numa definição, consideramos as múltiplas possibilidades de mediar uma exposição, mas tendemos a esquivar de uma prática informativa, solidificada por dados e verdades produzidas. Nos interessamos pela criação, pela invenção, pelos encontros agenciados numa mediação, pelo que o público não especializado tem a dizer sobre arte, sobre os modos de existência e espaços de insurgência da arte. Notamos as distâncias produzidas pelo “cubo branco”³, e sabemos da possibilidade de fissura produzida por uma mediação enquanto encontro (Figura 6 e 7).

Por essa percepção, frequentemente, as mediações

[3] A expressão “cubo branco” foi usada pelo artista, crítico, escritor e diretor de filmes Brian O’Doherty em 1976 quando escreveu na revista *Artforum* uma série de artigos que mais tarde tornaram-se o livro *No Interior do Cubo Branco — a Ideologia do Espaço da Arte*. O autor discorre sobre o espaço expositivo da arte — a galeria modernista —, sobre o

[3] objeto artístico e sobre a visão do espectador. O espaço da galeria moderna é visto como sendo quase sempre um cubo de janelas lacradas, pintado de branco, com luz artificial



Figura 8. Registro da mediação da exposição RUMO- Exposição Itinerante de Fotografia Analógica, SECULT Pelotas/RS. Fonte: Acervo Grupo Patafísica, 2019. Foto: Gabriela Costa.

patafísicas recorrem ao que chamamos de *fazeção*, uma espécie de metodologia Patafísica que sugere uma proposição artística, um fazer como prática mediadora, buscando aproximações que sejam da ordem da experiência. Tomando a invenção, assumimos na *fazeção* o processo criativo imbricado numa proposta de mediação. Antes de querer informar ou responder qualquer pergunta preferimos dar linha, perguntar, atentar aos encontros, que independem de nós, e tentar tecer alguns outros (Figura 8). É



Figura 9. Patafísica: mediação-arte-educação e Cidade + Contemporaneidade. Mediação da *Correia Humana* na Semana do Caminhar. Pelotas, 2019. Fonte: Foto: Liége Eslabão.

um grupo tecedor!

O grupo é também um lugar de respiro, de acolhimento, de partilha de si e criação coletiva (Figura 9). Oferece um chão pra sentar, deitar e rolar. Estabelece um ponto de contato, trama e travessia entre a arte e a educação, entrelaçando as formações dos artistas e arte-educadores que transformam o próprio Patafísica. O grupo muda o tempo todo. Cresce, encolhe, se projeta, se recolhe, se alonga, vive no encontro e de encontros.

Nesse movimento transformador e deformador nossa ação de mediar transbordou os espaços expositivos. Num primeiro momento resgatamos a *fazeção* como esse tipo de metodologia para mediar as exposições, mas ela foi se fazendo imensa. Expandiu a ponto de não caber na galeria, no museu; de ir para rua, para escola, desapropriada de condições externas às da própria



Figura 10. Expedição Patafísica realizada em 2013 na rede de formação de mediadores da 9ª Bienal do Mercosul no Molhes da Barra da praia do Cassino/RS. Fonte: Acervo do Grupo Patafísica, 2013

proposição, confundindo os limites da mediação praticada pelo grupo e sugerindo outro nome, outros lugares, outros encontros (Figura 10).

Nesse movimento de independência do grupo, com relação à exposição mediada, nos desatrelamos de qualquer situação pré-estabelecida, entendemos e trabalhamos as proposições artísticas, as *fazeções*, por si mesmas, um acontecimento. Elas são inventadas por aquilo que nos toca e atravessa no cotidiano, pela temática de um evento, por uma pergunta ou incômodo de algum patafísico ou de quem nos encontra, do que nos interessa olhar, propor, experimentar. É criação coletiva, trabalho compartilhado e

amparado na presença. A proposição artística como acontecimento criador, experiência em arte.

Nós do grupo Patafísica mediadores-artistas-educadores entendemos que fazer arte é uma potência da existência, uma possibilidade de articular modos outros de existir. Nessa proposição trabalhamos as gestualidades, o gesto na curvatura singular que instaura, em multiplicidade de planos, um modo de tal intenção, de expressão de qualquer corpo

Assim, para quem trabalha pela e com a arte por essa perspectiva, um ser, uma coisa, pode existir segundo vários modos. Pode duplicar, triplicar, enfim, pode existir em planos distintos permanecendo “um”, apenas numericamente. Pois ser “um” numericamente é um modo de existência entre tantos outros. Um indivíduo, por exemplo, pode existir como corpo, psiquismo, reflexo no espelho; como tema, ideia, ou mesmo lembrança no outro. Diferentes planos de existência ou distintos modos de existir. Dessa forma, “o modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em determinado plano. É um gesto. Cada existência provém de um gesto que o instaura. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência.” (LAPOUJADE, 2017). Nesse sentido, costumamos dizer que uma mediação, uma prática artística ou poética só começa quando acaba, quando besouros lançam voos.

REFERÊNCIAS

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SILVINO, Luana Reis. **Tecer em arte educação**. Trabalho de Conclusão de Curso – Artes Visuais-Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.